
ANIMO FESTAS: O RISO DO AVESSO

Priscila Gontijo¹

Alguns espetáculos potencializam, em sua poética cênica, atravessamentos singulares. No caso do espetáculo *Animo Festas*, do grupo La Cascata Cia Cômica, poderíamos dizer – já tomando de empréstimo algumas concepções elaboradas pelo artista e pesquisador Renato Ferracini na palestra centrada na noção de corpo proposta pelo filósofo Spinoza (1632-1677) apresentada no dia 01 de Setembro deste 33^o Festivale – que esse atravessamento, se dá através da “FILIA”, no sentido em que os gregos nominavam o amor da amizade, entre parceiros de guerra que se solidarizam com o outro em situações extremas. Situação esta, metaforizada nas incursões infernais das apresentações em festas infantis vivenciadas pelo palhaço Klaus, em sua luta pela sobrevivência num país chamado Brasil. Esse amor de amizade, de solidarizar-se com o outro em situações limítrofes, pôde ser conferido na reação do público da edição do 33^o Festivale, no Teatro Municipal de São José dos Campos, em 01 de Setembro de 2018, às 21h.

Animo Festas é o espetáculo-show do palhaço Klaus, que narra a saga solitária de um animador de festas infantis e seu submundo de tristeza e miséria. O universo do palhaço é personificado na sombria figura de Klaus, que narra suas memórias ao som de rock, música francesa e trilhas infantis dos anos 1980.

O paulistano Marcio Douglas, criador da La Cascata Cia. Cômica, encarna o anti-herói da palhaçaria. Esse *freakshow* de humor cáustico exprime questões como o valor do trabalho artístico, a felicidade e a sobrevivência.

A trama de distopia aliada à uma visão de mundo acética alavanca diversas metáforas da vida artística na atualidade. O espetáculo dialoga com o

¹ Crítica do 33^o Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

público não apenas através do riso, mas também em sua dimensão trágica. Essa via-crúcis pelas festas infantis onde o protagonista-narrador é hostilizado por crianças violentas que o espancam, por pais que o humilham tratando-o como um servo mentecapto são encarnados nos papéis ora do Contratante, ora do Pagador ou do Aniversariante, ironizando dessa forma, os diferentes graus de poder e de *status social* erguidos pelo império do capital na atualidade.

Porém, este *freakshow* não se reduz ao discurso maniqueísta e desautoriza qualquer tendência à uma vitimização rasteira. Ao contrário, o nosso riso é um riso do avesso, um riso maldito, em que nos “vingamos” de nossas próprias humilhações e do descaso com a cultura e com a arte em nosso país, através do hiperbólico palhaço. Klaus simboliza a desagregação e a ruína de quem vive da arte no Brasil. Nesse sentido, é um espetáculo político que narra sobre a posição marginalizada que se encontra o artista de hoje frente à sociedade do entretenimento. Desamparado em um mundo onde a condição humana, em sua luta pela sobrevivência, é margeada por contratantes e pagadores, nos vemos imersos nessa comédia humana dantesca, sem um guia como Virgílio, vagando pelos labirintos do inferno que incendeia nossa história.

Conduzidos pelas mãos do mercado, mãos áridas como três desertos, buscamos um sentido para o caos desse homem partido, separado, massificado em contratos ultrajantes. Não é preciso conhecer as dinâmicas e os percalços da vida artística para nos solidarizarmos com a precariedade do sombrio palhaço. A condição patética do humano hoje é de integral relevância para o entendimento de uma posição crítica frente aos acontecimentos. É preciso, antes, se desfazer de preconceitos, de preceitos morais e concepções filosóficas hegemônicas para ser conduzido por esse inferno das festas infantis, com seus golpes, socos, gelo seco, balões de gás e comemorações efêmeras, para

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

compreender que a contemporaneidade, em sua necessidade de entreter, acaba sempre por oprimir.

A criação de Marcio Douglas dialoga com a vida contemporânea em diversos níveis, do mais simples como pagar o aluguel até a busca por um sentido maior que parece desvanecer a todo instante.

Desse riso virado do avesso, surge a iminente necessidade do palhaço por uma interlocução sempre negada. A construção dramatúrgica pontuada pela pergunta “Você é feliz?” seguida da reação tragicamente hiperbólica como resposta nos faz ver os descaminhos em que o palhaço Klaus se perde aos poucos. Nessa trilha, que vai se adensando cada vez mais para uma situação aparentemente sem saída, nos compadecemos, pois em diálogo com esse Outro, emerge um Eu fragmentado e derrisório tão perdido em infernos de contratantes e contratados que só nos resta um riso amargo. Esses caminhos vividos por Klaus são os mesmos descaminhos que nos salvam ou nos perdem.

Apesar do ressentimento e amargura em sua voz, há humor. E o humor é um afeto, principalmente aquele que ri de si mesmo. Nesse sentido, há aquela alegria ética de Spinoza, do encontro entre parceiros de guerra, que no final, se reencontra na arena cênica, entre o público e o artista.

Por desvios, através da desconstrução do palhaço romântico, e em um perpétuo devir cênico, Klaus nos ensina que a luta pela sobrevivência em situações extremas pode ser também o caminho para ser afetado pelo Outro, que nada mais é do que uma continuidade de um Eu fragmentado, em constante relação dialógica.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.